



RICARDO BENZAQUEN

# O linho e a seda

Notas sobre  
o catolicismo  
e a tradição  
inglesa em

*Minha Formação,*  
de Joaquim  
Nabuco

**RICARDO  
BENZAQUEN**

é professor  
do Departamento  
de Antropologia  
do Instituto  
Universitário de  
Pesquisas do Rio de  
Janeiro (IUPERJ).

# U

ma das maneiras de se analisar *Minha Formação* destaca, em primeiro lugar, a avaliação avançada pelo narrador do livro – Nabuco aos 50, 51 anos – sobre a sua primeira excursão à Europa, feita entre 1873 e 1874, quando ele tinha por volta de 24 anos. Nessa passagem, ele chama a atenção do leitor para o caráter totalmente instável, errático e inconstante da sua viagem, na medida mesma em que, movido pela mais absoluta curiosidade, ele pretende ver todos os monumentos arquitetônicos, obras de arte e homens célebres que poderiam ser encontrados no velho continente. Daí resulta não somente o estabelecimento de um contato apenas rápido e superficial com essas grandes referências culturais mas também a geração de um clima de relativa indecisão, posto que, dominado pela obsessão de conhecer a tudo e a todos, ele dá a impressão de situá-los em um mesmo plano – horizontal –, o que impede que se encontre um critério que seja capaz de hierarquizá-los.

Ora, se incorporarmos à discussão alguns títulos recentemente publicados de e sobre Nabuco, como os seus *Diários* (2005) e a biografia que lhe foi dedicada por Angela Alonso (2007), poderemos perceber que tanto a inconstância quanto a indecisão parecem se revestir de um significado mais amplo e duradouro, apontando até para alguns dos traços constitutivos da personalidade do “jovem Nabuco”. Com efeito, ele também oscila entre diferentes formas de governo, preconizando às vezes a monarquia, às vezes a república, flerta incessantemente com um sem-número de beldades europeias e, até quando expõe, nos *Diários*, sua preferência pela rica herdeira da aristocracia cafeeira, Eufrásia Teixeira Leite, não demonstra forças para lhe oferecer um compromisso mais consistente e duradouro, embora jamais consiga se afastar inteiramente dela.

Assim, ainda que critique insistentemente a superficialidade e a ausência de finalidade de valores últimos que tivessem condições de definir a sua época, Nabuco, pelo menos nos seus anos de mocidade, mostra-se completamente impotente para superá-las. É como se ele fosse completamente ofuscado pela luz que emana de qualquer objeto distinguido pela beleza, o que acaba por convertê-lo em uma espécie de escravo das maravilhas deste mundo. Assinale-se, a propósito, que essa acepção da ideia de maravilha tem um sentido bastante preciso, pois nos remete a tudo o que pode capturar integralmente a atenção do interlocutor, dirigindo-a para uma imagem mais presente e imediata e, conseqüentemente, impedindo-o de se indagar acerca das ressonâncias, isto é, das forças e intenções mais profundas em condições de tornar possível uma melhor compreensão do que se está observando (cf. Greenblatt, 1991).

Qual seria, então, a alternativa utilizada por Nabuco para enfrentar esse problema? O cultivo de um tipo diferente de visão, uma visão que importasse no abandono, no afastamento quer de si mesmo quer da face mais empírica e imediata dos objetos, em prol de um esforço para se absorver a intenção do artista, vislumbrando-se, por intermédio dessa intenção, a figura do homem e, sobretudo, o vulto de Deus. Trata-se, portanto, de uma experiência transcendental, próxima àquela proporcionada pela mística e resumida por Nabuco na frase: o que realmente interessa “é ser visto, e não ver: [é] deixar-se penetrar pelo ambiente”.

Pois bem: em *Minha Formação*, as imagens associadas às noções de absorção e de penetração surgem basicamente em dois contextos, nas reflexões que ele dedica à Inglaterra e em “Massangana”, o vigésimo e talvez o mais conhecido capítulo do livro, no qual ele discorre sobre a sua infância no engenho de sua madrinha, em Pernambuco.

No que diz respeito especificamente ao caso inglês, Nabuco acentua a importância das ideias de flexibilidade e de adaptação, recordando antes de mais nada que o próprio sistema de governo ali há séculos



**Joaquim Nabuco na época da publicação de *Um Estadista do Império***

em vigor, a monarquia constitucional, ao transformar o Executivo em uma espécie de comissão do Legislativo—“sua principal comissão” —, mostrava-se extremamente sensível às alterações de opinião ocorridas no Parlamento. Na eventualidade de uma crise, mudava-se o gabinete ou se convocavam novas eleições, abrindo-se

mão do acessório, portanto, para que se pudesse preservar o fundamental, quer dizer, a tradição.

Além disso, ao converter Londres em um dos símbolos da Inglaterra, ele insiste em ressaltar o seu gigantismo histórico e arquitetônico, razão da sua similaridade com a antiga Roma, sede de um império,

cidade soberana e universal. Ao mesmo tempo, contudo, ele salienta que o caráter monumental da capital inglesa, longe de esmagar os visitantes com o seu peso, dá, ao contrário, a impressão de liberá-los dos seus constrangimentos cotidianos, das suas preocupações com os assuntos menores e mais comezinhos, permitindo que cada um, à vista do fundamental, nela condensado, ganhasse condições para remodelar e aprofundar a sua subjetividade, tornando-a mais rica, complexa e cheia de matizes.

O universal, por conseguinte, alia-se com o que há de mais singular: é como se, à frente do sublime, os homens tivessem a oportunidade de desenvolver precisamente aquilo que há de mais sublime em si mesmos, e essa formulação encontra todo o seu sentido se nos lembrarmos que foi justamente em Londres, primeiro “na escondida igreja dos jesuítas, em Farm Street, onde os vibrantes açoites do padre Gallway me fizeram sentir que a minha anestesia religiosa não era completa, depois no Oratório de Brompton, respirando aquela pura e diáfana atmosfera espiritual impregnada do hálito de Faber e de Newman” (Nabuco, 1999, p. 91), que Nabuco, cuja mocidade havia sido marcada pelo rompimento com a igreja, pôde “reunir no [s]eu coração os fragmentos quebrados da cruz” e reaproximar-se do catolicismo.

O elogio da flexibilidade e da auto-modelagem que caracterizam a tradição inglesa parece ter efetivamente contribuído, segundo o Nabuco da maturidade, para a sua transformação interior e o seu retorno à Igreja. E é exatamente por esse caminho que a imagem que ele traça da Inglaterra pode ser associada à descrição da sua infância, em “Massangana”. Afinal, o que mais chama a atenção nesse capítulo é que ele nos oferece uma avaliação da natureza essencialmente cristã da conduta dos escravos. Oferecendo sistematicamente a outra face, eles demonstram uma infinita capacidade de amar, perdoar e sacrificar-se, não apenas pelo próximo, mas, sobretudo, pelos seus opressores, o que fará com que o nosso autor os descreva, simplesmente, na chave da “Imitação de Cristo”. Afinal,

“Não só esses escravos não se tinham queixado de sua senhora, como a tinham até o fim abençoado [...] seu carinho não teria deixado germinar a mais leve suspeita de que o senhor pudesse ter uma obrigação para com eles, que lhe pertenciam [...] Deus conservara ali o coração do escravo, como o do animal fiel, longe do contato com tudo que o pudesse revoltar contra a sua dedicação. Esse perdão espontâneo da dívida do senhor pelos escravos figurou-se-me a anistia para os países que cresceram pela escravidão, o meio de escaparem a um dos piores taliões da história. Oh, os santos pretos! Seriam eles os intercessores pela nossa infeliz terra, que regaram com seu sangue, mas abençoaram com seu amor” (Nabuco, 1999, p. 168).

O martírio dos escravos, desse ponto de vista, dá portanto a impressão de infundir transcendência à própria experiência do cativo, tornando-a aliás perfeitamente compatível com a concepção de catolicismo sustentada por Nabuco em *Minha Fé*, suas memórias religiosas, as quais, redigidas alguns anos antes de *Minha Formação*, já ostentavam “Massangana” como o seu primeiro capítulo. Com efeito, basta ver que nesse livro – editado pela primeira vez na França em 1977 e traduzido para o português somente em 1985 – ele enfatiza que “São Paulo descobre o propulsor essencial do cristianismo, quando afirma que ninguém chegará ao Cristo a não ser através do próximo e que ninguém se tornará membro de Sua igreja, se não fizer o que Cristo fez” (cf. Nabuco, 1985, p. 84).

Por conseguinte, alimentado pelo “leite preto” quando criança de colo, Nabuco transmite a sensação de ter absorvido, junto com ele, todo um conjunto de valores que, sempre preservados junto ao seu coração, parecem ter garantido a sobrevivência de algum vínculo, mesmo ténue, com a mensagem de Cristo. Não é à toa, então, que ele termine por conferir tanta importância ao canto da terra em que foi criado: convertido em uma espécie de “figura”, de prefiguração do Paraíso, Massangana teria lhe propiciado um primeiro e indelével contato com aquela

“perspectiva da cruz”, cujos fragmentos, dispersos durante o período da sua mocidade, conseguem voltar a ser reunidos, não nos esqueçamos, justamente em Londres. O sublime impõe-se mais uma vez sobre o belo – ainda que não o anule – e o que há de mais local, de mais singular, vai praticamente se confundir com a mais universal das questões, a da salvação.

Tanto a Inglaterra quanto Massangana, então, transformam-se em caminhos por intermédio dos quais Nabuco consegue superar aquela instável e quase estéril experiência juvenil, reconstituindo a sua identidade pessoal a partir de uma base mais sólida fornecida por esses dois “torrões natais”, por essas duas pátrias – pátrias na memória, bem entendido – às quais ele sempre poderá recorrer em busca de apoio e orientação.

Entretanto, não se deve supor que a experiência subjetiva de Nabuco possa ser reduzida a esses dois “lugares da memória”, procedimento que o converteria em um representante, em um mero portador de usos e costumes anteriormente estabelecidos. Na verdade, o que parece estar em jogo aqui é uma definição bastante complexa da ideia

de personalidade, composta por aquela base fixa e sólida e por uma extremidade flexível e relativamente flutuante, o que lhe daria condições para se movimentar, expandir e desenvolver sem nunca perder inteiramente o contato com o que poderíamos chamar de sua retaguarda espiritual.

Nabuco, dessa forma, dá a impressão de manter a capacidade de enfrentar novos e grandes desafios, mesmo em um momento da sua trajetória – última década do século XIX – em que lida com uma conjuntura política e pessoal extremamente desfavorável, em função da queda da monarquia e do ostracismo político que lhe é então imposto, porque sempre poderá recorrer às lições que recebeu em Massangana – dos escravos – e na Inglaterra. Vale a pena mencionar, no entanto, que os valores contidos e celebrados nessas duas tradições, tanto a católica quanto a inglesa, dependem precisamente da sua vocação de protagonista, do alto e grande desempenho almejado pelo nosso autor para que não se convertam em ideais reificados, enferrujados, mantendo-se vivos e influentes na medida mesma em que são traduzidos e, inevitavelmente, traídos e enriquecidos por reflexões como as de Nabuco.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Angela. *Joaquim Nabuco*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. “Através do Espelho: Subjetividade em *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 19, nº 56, 2004.
- GREENBLATT, Stephen. “Resonance and Wonder”, in I. Karp e S. Lavine (eds.). *Exhibiting Cultures: the Poetics and Politics of Museums Display*. Washington, Smithsonian Institution Press, 1991.
- NABUCO, Joaquim. *Minha Fé*. Recife, Massangana, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Minha Formação*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Diários: 1873-1910*. Recife/Rio de Janeiro, Massangana/Bem-te-Vi, 2005.
-